

Religião e espaço urbano: leitura do lugar e mapeamento dos espaços de religiosidade em Belo Horizonte MG

Religión y espacio urbano: Leyendo el lugar y mapeando los espacios de la religiosidad en Belo Horizonte MG

ST03. Políticas Públicas, Habitação e Cidade

FREITAS, Daniel Medeiros; Doutorado; Escola de Arquitetura da UFMG

daniel-freitas@ufmg.br

FERREIRA, Gabriella Sevilha; Graduanda; Escola de Arquitetura da UFMG

gasevilha@ufmg.br

Resumo

O artigo está inserido em pesquisa iniciada em 2019 sobre o papel da religião no modo como as pessoas percebem e se comportam no espaço urbano, e apresenta resultados parciais vinculados à oferta de disciplina para o curso de graduação em arquitetura e urbanismo. A disciplina, realizada em 2021 e 2022, propõe, a partir da leitura do lugar e de diálogos com a geografia da religião, mapear e discutir a percepção de moradores e alunos sobre o papel da fé e das instituições religiosas no cotidiano da cidade. Em um primeiro momento, o trabalho contextualiza a distribuição dos grupos religiosos e sua relação com o espaço urbano para, em seguida, publicar o mapeamento realizado e as hipóteses formuladas com ênfase na interface entre religião, análise urbana e leitura do lugar.

Palavras-chave (3 palavras): religião e espaço urbano, geografia da religião, leitura do lugar.

Abstract

The article is part of a research started in 2019 on the role of religion in the way people perceive and behave in urban space, and presents partial results linked to the offer of discipline for the undergraduate course in architecture and urbanism. The discipline, held in 2021 and 2022, proposes, based on a reading of the place and geography of religion, to map and discuss the perception of residents and students about the role of faith and religious institutions in the daily life of the city. At first, the work contextualizes the distribution of religious groups and their relationship with the urban space, and then publishes the mapping carried out and the

hypotheses formulated with an emphasis on the interface between religion, urban analysis and reading of the place.

Keywords: first keyword, second keyword, third keyword.

1. Introdução

O artigo apresenta resultados de pesquisa que, por meio do mapeamento de templos, entrevistas qualitativas e visitas de campo, aproxima o campo dos estudos religiosos ao campo dos estudos urbanos, analisando os mecanismos de estruturação das visões de mundo dos fiéis a partir de interações entre diferentes grupos religiosos na cidade de Belo Horizonte. Iniciada em 2018, a pesquisa articula autores situados no campo dos estudos religiosos, fenomenologia aplicada à leitura do lugar e estudos sobre processos de urbanização e planejamento urbano.

O texto apresentado sistematiza dados e reflexões desenvolvidos ao longo de disciplina que vem sendo ofertada desde 2021 para o curso de arquitetura e urbanismo. A experiência busca mapear e registrar percepções sobre os espaços de religiosidade, sobretudo a partir dos imaginários espaciais religiosos à luz das reflexões teórico-metodológicas trabalhadas pela pesquisa. Para tal, operacionaliza indicadores urbanos de modo articulado ao registro de narrativas e análises de inserção urbana dos templos. Um dos produtos da pesquisa em colaboração com a disciplina é o mapeamento dos templos de Belo Horizonte, cuja metodologia de elaboração será descrita adiante, instrumento fundamental para a formulação das hipóteses locais e construção de aproximações entre o campo da geografia da religião e o planejamento urbano.

A complexidade do objeto de estudo, mesmo em sua dimensão mais objetiva de filiação institucional e localização, demanda atenção e ressalvas. As duas últimas décadas do panorama religioso no Brasil foram caracterizadas pela diminuição do percentual de católicos e pelo crescimento dos evangélicos e dos 'sem religião' (NOVAES, 2011; IBGE, 2020). Diante dos números, no entanto, é importante ter em mente o elevado grau de hibridismo que caracteriza o desenvolvimento das religiões no país. A pergunta aberta "*qual é a sua religião?*" no censo de 2000 resultou em 35 mil respostas diferentes e, mesmo após eliminar erros de denominações e repetições, chegou a 5 mil respostas reagrupadas e reduzidas a 144 classificações. Historicamente, é possível relacionar esta diversidade ao menor controle eclesiástico católico português sobre as religiosidades praticadas fora da igreja nos primeiros séculos de colonização. Segundo Silva (2005), a conversão obrigatória ao catolicismo para índios e escravos africanos foi acompanhada pela manutenção de ritos que, apesar da enorme separação social, se misturaram ao catolicismo e deram origem a novas formas mistas de práticas religiosas.



De acordo com Lewgoy (2011), o contexto histórico, embora não seja a única causa, contribui para um processo multifacetado de encontros culturais, sincretismos e cruzamentos entre crenças. A partir do século XIX, o estudo das tradições religiosas atrelado à compreensão da formação da cultura popular nacional e a apologia da miscigenação como característica central da formação da cultura brasileira, também contribui para consolidar este hibridismo. Por exemplo, os esforços de consolidação da Umbanda no início do século XX mesclaram o culto de entidades africanas, entidades indígenas, santos católicos e outras entidades agregadas pela influência do Kardecismo, "proclamando sua missão de unir todas as raças e classes sociais que formaram o povo brasileiro" (SILVA, 2005, p.11).

A condição acima pode estar sendo potencializada ainda pelo pluralismo religioso pós-moderno, argumento geralmente incorporado ao debate do crescimento ou enfraquecimento do pensamento religioso em relação à secularização. De um lado, nos contextos de maior desenvolvimento e influência do pós-modernismo, o pluralismo religioso pode ser entendido como parte de um fortalecimento espiritual e de um declínio do processo de secularização. Por outro lado, a mesma tendência poderia ser compreendida como aprofundamento da secularização, onde o pluralismo seria desenraizamento e sinal de declínio, um processo de consumo e prestação de serviços no campo da religião. No Brasil, há um outro aspecto a ser observado: a desigualdade regional e os diferentes graus de urbanização refletem uma imensa desigualdade em relação à influência dos processos descritos acima, satisfatórios para compreender fenômenos localizados nos grandes centros urbanos, mas insuficientes para compreender o papel da fé e dos grupos religiosos no Brasil profundo ou no modo como ele estrutura nosso cotidiano urbano.

É com estas ressalvas e especificidades em mente que buscamos contextualizar os esforços de relacionar os dados demográficos de distribuição dos grupos religiosos e o modo como católicos, evangélicos e religiões de matriz africana apresentam tendências locais na cidade de Belo Horizonte. O texto está estruturado em duas partes. A primeira contextualiza a relação entre religião e urbanização no Brasil. A segunda explica o mapeamento dos templos e, dialogando com a geografia da religião, articula hipóteses locais e perguntas de pesquisa.

2. A interface entre religião e espaço urbano

Em relação à distribuição demográfica dos fiéis, os dados censitários brasileiros dos anos de 2000 e 2010 revelam uma distribuição desigual na escala nacional. As cidades cujo percentual de católicos permanece elevado estão localizadas sobretudo nas regiões nordeste, sudeste e sul, diminuindo no litoral, onde estão localizados os principais centros urbanos dessas regiões. Já as cidades com maior percentual de evangélicos (grupo religioso que inclui as igrejas pentecostais) coincidem com os maiores centros urbanos das referidas regiões e também com os centros das regiões norte e centro-oeste do país. O crescimento pentecostal das

décadas recentes (que passou de 10,4% em 2000 para 13,3% em 2010), foi maior nas regiões Norte e Centro-Oeste do país. Essa distribuição aponta para uma maior concentração pentecostal nas regiões menos urbanizadas ou processo de urbanização recente, em contraste com o histórico de urbanização nas regiões Nordeste, Sudeste e Sul. O dado reforça uma associação recorrente (e superficial) entre o crescimento pentecostal e o avanço de um tipo mais recente de urbanização associado ao crescimento do agronegócio nas regiões Norte e Centro-Oeste. É uma associação possivelmente motivada pela proximidade política e ideológica de parte do grupo pentecostal com o grupo de latifundiários e empresários ligados ao agronegócio. No entanto, a leitura corre o risco de reduzir a complexidade do fenômeno, sendo o crescimento pentecostal um processo observado em quase todos os municípios, estando apenas mais avançado nessas regiões onde a tradição católica estava menos consolidada (ALVES et al, 2017).

Em Minas Gerais, estado em que se localiza Belo Horizonte, há um percentual de católicos acima do índice nacional (70,43% contra 64,63%). Dentro de Belo Horizonte, o percentual é menor (59,87%), inferior ao percentual de católicos que vivem em áreas urbanas do Brasil (81,16%) e Minas Gerais (82,28%). Isso ocorre principalmente porque, nas pequenas e mais antigas cidades mineiras, há uma maior tradição católica em relação ao centro urbano principal. Isso também contribui para um menor crescimento pentecostal em cidades pequenas e mais antigas em outros estados da região Sudeste, onde o principal centro urbano concentra maior crescimento pentecostal do que o interior. É importante destacar que a rápida urbanização de Minas Gerais foi pautada pela atividade de mineração de ouro no século XVIII, época de enorme poder político e econômico da Igreja Católica no Brasil. Um breve passeio pelas cidades mineiras permite conhecer a impressionante importância territorial e riqueza de construção dos templos em todas as cidades históricas mineiras, o que certamente influenciou o papel da Igreja no planejamento da nova capital no final do século XIX.

Dentro do percentual pentecostal, a comparação entre os dados mineiros e os dados nacionais difere muito entre as cinco principais nomeações. O percentual de Minas Gerais é inferior ao nacional na Assembleia de Deus (3,64% contra 6,46% nacional), Igreja Universal do Reino de Deus (0,04% contra 0,98% nacional) e Congregação Cristã (1,08% contra 1,20% nacional). O percentual é superior ao índice nacional em Igreja Quadrangular (1,77% contra 0,95% nacionalmente) e Deus é Amor (0,81% contra 0,44% nacionalmente). A explicação mais provável está relacionada à tendência de que as principais nomeações pentecostais tiveram seu primeiro crescimento concentrado em seus estados de origem e, depois, algumas nomeações investiram em outras regiões. Já o percentual de religiões de matriz africana (Candomblé e Umbanda) em Minas Gerais é inferior à proporção nacional. No Brasil, o Censo Demográfico de 2010 mostra que 0,21% da população declara a Umbanda como religião e 0,09% declara o Candomblé. Em Minas Gerais, apenas 0,07% declara umbanda e 0,02% candomblé, o que pode ser explicado pela maior concentração de religiões de matriz africana na região Nordeste do país, mas possui relação também com o grande hibridismo religioso no estado. Em Minas Gerais, mesmo o pequeno percentual declarado consegue, por meio

das diferentes formas com que estas religiões se hibridizam com o catolicismo, grande visibilidade e popularidade, muitas vezes praticada como segunda religião.

Uma correlação mais direta entre os dados demográficos e o contexto urbano indica que o crescimento pentecostal ocorre principalmente em áreas periféricas (ARENARI, 2013), formando aglomerados religiosos ao redor dos principais centros urbanos (BECCENERI et al, 2019). No entanto, é importante ter em mente que, embora mais concentrada nas periferias, a expansão pentecostal não se restringe às camadas menos favorecidas, sendo um fenômeno observado também nas classes mais altas (NOVAES, 2011). Ainda assim, o dado reforça a recorrente associação entre o perfil geral dos crentes pentecostais e a urbanização desigual brasileira. Isso contribui para análises de um viés mais materialista e funcional da correlação entre religião e precariedade social e como o crescimento pentecostal se beneficia dessa condição. Com abordagem semelhante, há estudos sobre como a igreja pentecostal atua como mediadora da crise urbana, por exemplo na inibição da violência, ações de resgate social e uma rede de solidariedade e resolução de problemas (ROCHA, 2019; OLIVEIRA, 2012). Análise semelhante ocorre ainda em relação ao Candomblé e à Umbanda, por vezes atribuindo a essas religiões um caráter de resistência cultural e social.

Nas pesquisas de campo, identificamos que a falta de instituições públicas e espaços de consumo e lazer nas periferias contribui para que as Igrejas sejam o principal espaço de socialização para a maioria dos moradores e possuam um papel importante na formação de redes de solidariedade e apoio mútuo. Encontramos relatos relacionados ao costume dos fiéis de se relacionarem preferencialmente com seu grupo religioso, evitando o convívio social ou espaços considerados profanos ou que possam distanciá-los de sua fé. Esse comportamento geralmente reforça a identificação com as agendas políticas, principalmente aquelas ligadas aos costumes, influenciando e sendo influenciados pelos líderes de cada grupo.

Sobre a relação entre o templo e o contexto urbano, Machado (1996) aponta que a distribuição regional das igrejas pentecostais tem uma estratégia baseada na descentralização. Pautados pela mobilidade e transitoriedade dos espaços sagrados, sobretudo em comparação com a territorialidade católica, os espaços pentecostais confirmam uma territorialização mais informal e momentânea nas áreas urbanas. Nesse sentido, o autor reforça a correspondência entre a infraestrutura territorial do pentecostalismo e sua estrutura teológica e institucional. Machado (1996) organiza a infraestrutura do templo pentecostal em: (i) órgãos supralocais de abrangência regional, nacional ou global; (ii) igrejas matrizes de grande porte; (iii) igrejas filiais, geralmente em espaços alugados; e (iv) pontos de pregação. Essa estrutura interna permite que os templos tenham uma estrutura de nucleação espacial que é a principal estratégia de expansão utilizada pelas diferentes filiações.

Ainda sobre as estratégias de territorialização, Freitas (2015) identifica três recorrências que confirmam a importância da infraestrutura espacial do pentecostalismo e inclui a infraestrutura em sentido amplo na discussão: os grandes templos como “geossímbolos” que reforçam a lógica reticular e as relações de subordinação entre templos e descentralização através de

espaços locais, menores, informais e flexíveis; a inserção na mídia para ampliar o “território da rede”; e a prática de grandes concertos gospel e eventos culturais de alto nível. A combinação desses fatores com os mencionados no parágrafo anterior fortalece a estratégia expansionista desse grupo religioso, principalmente nas áreas de expansão urbana da maioria das cidades brasileiras.

Sobre a tipologia dos templos e sua micro inserção urbana, poucos autores discutem a espacialidade religiosa para além das dimensões demográficas e sua correlação com os processos de urbanização descritos até então, principalmente em relação a uma escala mais próxima dos objetos arquitetônicos e urbanos da inserção dos templos. Há, é claro, uma exceção à história da arquitetura religiosa, especialmente cristã, e sua importância cultural, técnica e artística para o campo da história da arquitetura. A lacuna que buscamos contribuir para preencher a seguir refere-se à busca de melhor qualificação do espaço urbano resultante da micro inserção dos diferentes templos. Nosso argumento é que a atenção a essa escala possibilita avançar na forma como diferentes grupos religiosos estabelecem relações diretas com o cotidiano urbano e atuam na mediação entre os fiéis, a cidade e entre os grupos religiosos.

De modo geral, a inserção dos templos católicos nas cidades brasileiras é caracterizada pelo protagonismo das igrejas no processo de urbanização, ocupando o principal espaço de poder simbólico e econômico. Esta ocupação se materializa em edifícios de maior visibilidade, sempre associados a estruturas complementares e institucionais como casas paroquiais, escolas, hospitais, creches, salões comunitários, entre outros. É lá que se organizam eventos religiosos e boa parte da rotina da área urbana do entorno. Essa conformação é mais clara nas cidades menores e mais antigas e, veremos, tende a estar ausente nas novas periferias.

Espacialização semelhante acompanha a maior parte dos templos Evangélicos de Missão, mas apresenta especificidades no grupo dos Evangélicos Pentecostais. Mais próximo do campo da antropologia, Mafrá (2011) argumenta que as implicações da formação de um cinturão pentecostal nas periferias reforçam a ênfase do pentecostalismo na experiência direta de Deus, na medida em que contribui para a ruptura das relações espaciais com outros grupos da cidade e intensifica as ligações locais. Segundo a autora, essa configuração espacial colabora para uma concepção de cidade como um espaço majoritariamente profano entre os grupos pentecostais, um espaço a ser evitado ou enfrentado por meio da oração e da proximidade com o Espírito Santo.

Sobre a territorialidade das religiões de matriz africana é importante entender que ela é pautada pela necessidade dos escravos trazidos da África construírem aqui um suporte territorial para os mitos e cultos praticados por seus ancestrais. Enquanto na região de origem esses mitos estavam associados a regiões amplas, no contexto urbano do Brasil eles foram reduzidos a espaços restritos (MOURA, 2019). Portanto, os terreiros seriam em um primeiro momento este espaço material (assentamento) para a energia sagrada (Axé). A tipologia do terreiro, diferentemente dos templos de outras religiões, quase nunca possui fachada ou

identificação externa, confundindo-se com edifícios residenciais. Porém, internamente, os terreiros reproduzem uma hierarquia diferenciada, geralmente em três classes de mitos: os orixás da fronteira/portão, os orixás da casa/barracão e os orixás do fundo/mato. Nesta organização, a maioria dos cultos, visitas e oferecimento de serviços religiosos ocorre na casa/galpão.

3. Mapeamento dos templos em Belo Horizonte

O mapeamento dos templos de Belo Horizonte foi realizado no primeiro semestre de 2022. A metodologia consiste em três etapas: (1) obtenção de uma primeira listagem “bruta” de endereços de templos, por meio do site Guia Mais, seguido de georreferenciamento dos pontos; (2) verificação via *street view*, identificando cerca de 25% de inconsistências nos pontos; e (3) campanhas de campo em alguns bairros para ajuste de localizações e avaliação, por amostragem, das tipologias. A classificação dos templos religiosos foi registrada a partir de dois atributos: o grande grupo religioso (Católico, Evangélico e outras religiosidades) e especificação de cada grupo (por exemplo, Batista, Pentecostal, Candomblé, entre outros). Acrescentamos também nos atributos, os dados sobre o porte e a tipologia da edificação (por exemplo, grande porte, galpão adaptado, tipologia residencial), além do município, endereço e observações adicionais. O mapeamento foi finalizado dentro do software QGIS, permitindo uma visão macro em relação à Belo Horizonte e uma visão micro em relação às regionais da cidade.

O mapeamento segue em elaboração para a Região Metropolitana de Belo Horizonte, iniciado nas cidades de Betim, Contagem, Ibirité, Mário Campos, Nova Lima, Pedro Leopoldo, Ribeirão das Neves, Sabará, Santa Luzia, Sarzedo, São Joaquim de Bicas, São José da Lapa e Vespasiano, municípios cuja área urbana é conurbada com Belo Horizonte. Até o momento, foram identificados dentro de Belo Horizonte 1.580 pontos, além dos 179 pontos de localização de terreiros disponibilizados pelo projeto Mapeando o Axé, da Prefeitura de Belo Horizonte, ainda não validados pela nossa metodologia de pesquisa (Quadro 1).

Quadro 1: Quantitativo parcial dos templos mapeados em Belo Horizonte-MG (2022)

GRANDE GRUPO RELIGIOSO	Sub Grupo	TOTAL
Templos Católicos		255
Templos Evangélicos (de Missão)	Adventistas	60
	Batistas	235
	Metodistas	34
	Presbiterianos	77

	Outras Evangélicas de Missão	25
	Não determinadas	15
	SUB TOTAL	446
Templos Evangélicos (Pentecostais)	Primeira onda	263
	Segunda onda	321
	Terceira onda	159
	Filiação pentecostal não identificada	100
	SUB TOTAL	843
Outras religiões		25
Religiões de Matriz Africana (levantamento de terreiros, ainda sem verificação)		179

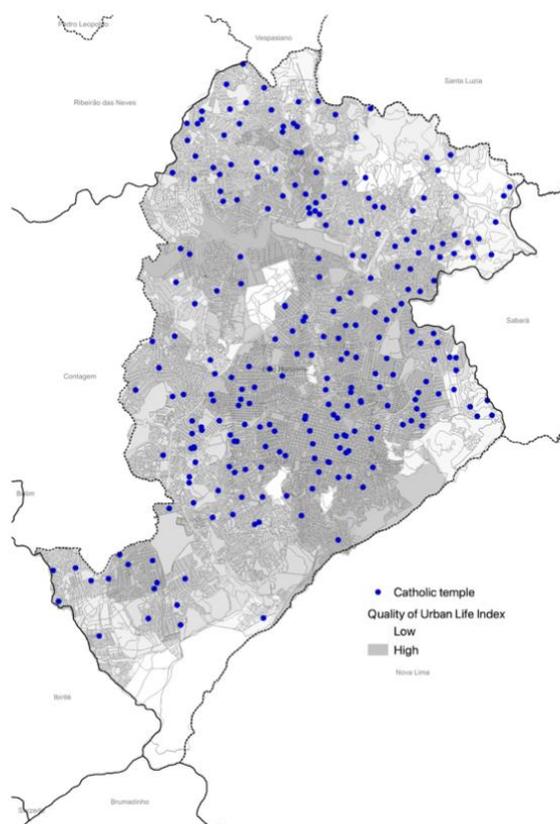
Fonte: Elaborado pelos autores.

Para apresentar os dados, optamos por colocar como mapa base as gradações do Índice de Qualidade de Vida Urbana (IQVU), calculado a partir de um conjunto de indicadores que incluem acesso a serviços urbanos, infraestrutura, mobilidade e qualidade ambiental. O IQVU permite visualizar a urbanização desigual e centralidades da cidade. Começando pela localização dos templos católicos, a Figura 1 mostra uma quantidade de templos católicos que pode ser considerada inferior ao esperado em uma cidade com quase 60% de católicos. Isso ocorre em função da maior dimensão dos templos e da tendência de templos antigos e consolidados. Importante destacar que o mapeamento não inclui toda infraestrutura católica, que são as edificações administrativas e instituições como hospitais e escolas anexas ou no entorno dos templos. A distribuição locacional é uniforme, aspecto relacionado com tradição de ordenamento territorial por meio de paróquias, estruturas que, segundo Gil Filho (2006), correspondem à materialidade da ação evangelizadora. Mesmo quando em bairros populares, os templos estão nos terrenos de maior visibilidade, tamanho e valor, exercendo um papel estrutural no entorno imediato. Em Belo Horizonte, as principais exceções em relação à presença de templos católicos são as áreas de urbanização mais recentes (que coincidem também com as áreas de menor qualidade de vida urbana no extremo norte e sul do município), aspecto relacionado com a pouca agilidade do catolicismo em fundar e construir novos templos o que, veremos, o diferencia das religiões evangélicas, sobretudo as pentecostais.

Na escala da inserção urbana, a presença da igreja católica é geralmente destacada da paisagem urbana. Nos templos maiores quase sempre há uma praça ou recuo em relação à rua, embora seja possível encontrar templos católicos menores com a entrada voltada diretamente para a rua, tipologia muito mais comum entre as igrejas evangélicas tradicionais ou mesmo de origem judaica ou islâmica mapeadas. A área urbana em torno das igrejas

católicas funciona tradicionalmente como espaço de mediação entre o templo e a cidade, ora abrigando atividades da Igreja e socialização de fiéis, ora funcionando como espaço de convívio ou praça para moradores e frequentadores da região, sem muita interação entre os dois usos. Nos templos sem este tipo de espaço de mediação, há geralmente um pequeno átrio que funciona como limite e, em vários edifícios, um segundo espaço mais interiorizado de convívio para antes e depois dos cultos.

Figura 1: Mapeamento dos templos católicos em Belo Horizonte MG (2021)



Fonte: Elaborado pelos autores.

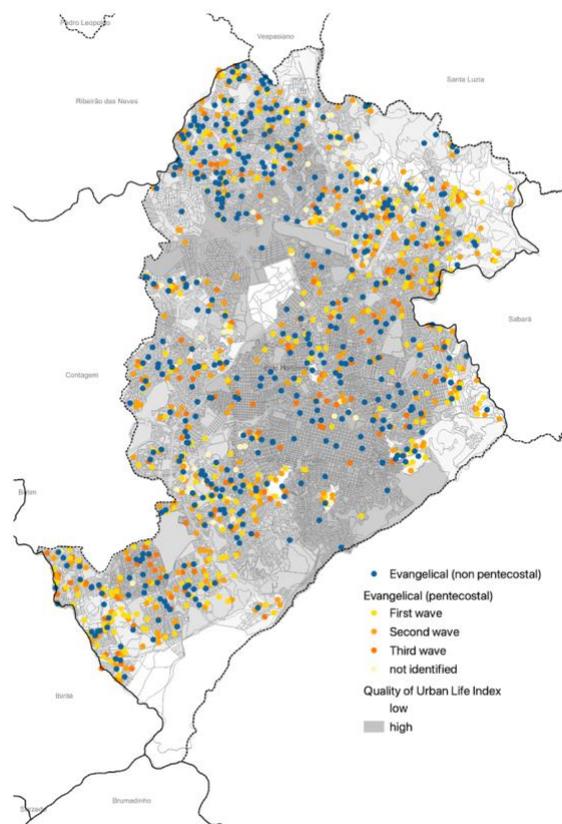
Na localização dos templos Evangélicos (Figura 2) optamos por diferenciar as nomeações Evangélicas de Missão (Batista, Adventista, Presbiteriana, Metodista, Congregacional, Luterana e demais nomeações) das nomeações Evangélicas Pentecostais. Este último grupo foi subdividido em relação às três ondas de expansão pentecostal - primeira onda (Igrejas Assembleia de Deus e Congregação Cristã do Brasil), segunda onda (Igrejas do Evangelho Quadrangular, Deus é Amor, Maranata, Brasil para Cristo e Casa da Benção) e terceira onda (Igreja Universal do Reino de Deus) - além dos templos pentecostais de filiação não identificada. A distribuição dos templos Evangélicos em geral é menos homogênea que a que observamos nos templos católicos, apresentando uma menor concentração na área central e

pericentral do município. Nesta área observamos a tendência já mencionada de localização dos grandes templos evangélicos regionais e de maior porte, com importante papel na afirmação da religião, e com maior capacidade de receber fiéis, geralmente localizados próximos a corredores de tráfego, conforme também já mencionado. Quatro áreas urbanas apresentaram maior concentração de templos evangélicos: as regiões noroeste, nordeste, sudoeste e sul do município, justamente onde estão localizadas as áreas de urbanização mais recente. O mapeamento em curso dos municípios da Região Metropolitana de Belo Horizonte deve confirmar essa condição, observada em diversos autores e em trabalhos de campo.

As igrejas pentecostais mapeadas apresentam pelo menos três tipologias. A primeira ocupa pequenos edifícios utilizados originalmente para abrigar outras funções, onde a entrada é muitas vezes diretamente para a rua e a fronteira entre a rua (secular) e o espaço interno (sagrado) é indistinta. A segunda tipologia ocupa edifícios maiores e com maior capacidade de acolhimento de fiéis, geralmente galpões adaptados e localizados ao longo de corredores de transporte urbano de fácil acesso. Nesse caso, quase não há espaço urbano de mediação entre o templo e a rua, fazendo com que a socialização entre os fiéis ocorra dentro do prédio ou, também muito comum, ao longo da rua em pequenos grupos de fiéis caminhando ou esperando ônibus. A terceira tipologia tem uma arquitetura mais sofisticada e pensada especialmente para a sua função religiosa. Localizada em regiões de destaque, concorrem por um domínio simbólico com outras religiões. Neste último caso, a inserção é mais semelhante aos templos católicos, embora com uma demarcação mais clara do espaço destinado aos fiéis e do espaço aberto ao público externo.

Em todos os casos descritos acima, a relação que os templos estabelecem com o entorno imediato varia de uma postura mais permeável a uma postura mais fechada. A primeira busca atrair pessoas do entorno profano para o espaço do templo e a segunda prioriza proteger os fiéis do convívio profano. Ambos os casos foram observados em trabalho de campo na área central de Belo Horizonte, bairro com forte presença de bares e casas noturnas. Enquanto um templo evangélico (tradicional e não pentecostal) organiza encontros de fiéis no entorno e convida visitantes do entorno para eventos da igreja (inclusive no período do carnaval de rua), outro templo, também evangélico, porém mais conservador, tem seu próprio estacionamento e entrada vigiados por seguranças, desencorajando qualquer contacto entre o templo e o que acontece à sua volta.

Figura 2: Mapeamento dos templos evangélicos em Belo Horizonte MG (2021)



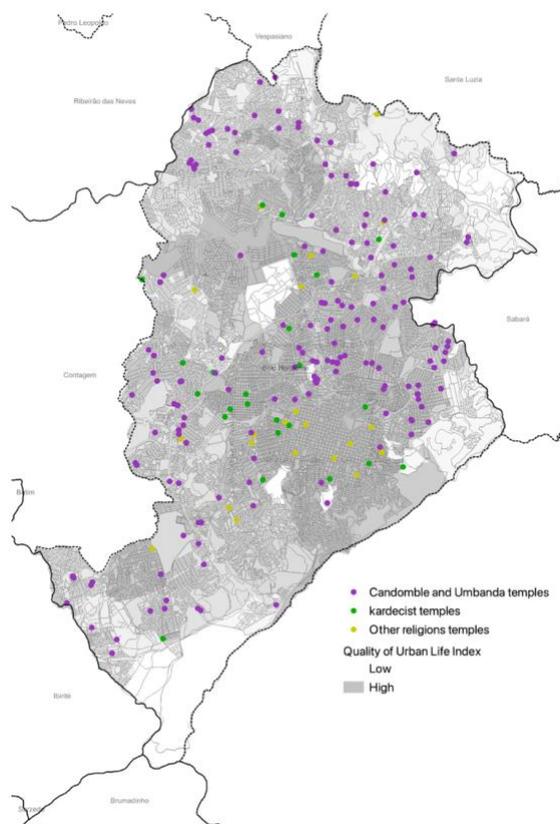
Fonte: Elaborado pelos autores.

Por fim, a Figura 3 representa o mapeamento dos templos Espíritas, das Religiões de Matriz Africana (Candomblé e Umbanda) e de Outras Religiosidades (Outras Religiosidades Cristãs, Testemunhas de Jeová, Espiritualista, Judaísmo, Hinduísmo, Budismo, Religiões Orientais, Islamismo, Tradições Esotéricas, Tradições Indígenas, entre outras). A localização dos templos espíritas mapeados ocorre nas áreas centrais de maior IQVU, aspecto que dialoga com o perfil de renda e escolaridade desse grupo religioso conforme apontado no censo demográfico (IBGE, 2000). Distribuição semelhante ocorre em relação aos templos de outras religiosidades devido, sobretudo, à opção por localizar templos de alcance regional em áreas de mais fácil acesso e visibilidade. As localizações dos templos de Matriz Africana combinam duas tendências, ora se localizam em bairros pericentrais mais antigos, geralmente em áreas residenciais de menor renda e vilas, ora se localizam em áreas mais periféricas de expansão urbana.

A micro inserção dos terreiros do candomblé, além das determinações ligadas ao modo como ocorreu a territorialização do culto no Brasil, incluindo a repressão que essa religião recebeu ao longo da história, indica a manutenção de uma postura menos expansiva da religião e da relação estabelecida entre a edificação e seu entorno imediato. O crescimento pentecostal e

o registro de hostilidades aos espaços ligados ao Candomblé e Umbanda, agravou essa postura. Por outro lado, as iniciativas de mapeamento dos terreiros (em grande parte ligadas a políticas de proteção cultural e social) contribuíram para a visibilidade e proteção destes territórios. No entanto, a visita a terreiros nos deixou a impressão de que a maior parte opta por permanecer fechado e sem identificação externa ou, mesmo quando permite visitas, essas são sempre guiadas e mediadas por roteiros rígidos, diferenciando com clareza o espaço para visitantes, o espaço para quem procura serviços religiosos e o espaço para quem já é iniciado no culto.

Figura 3: Mapeamento dos templos de outras religiosidades em Belo Horizonte MG (2021)



Fonte: Elaborado pelos autores.

O mapeamento e as hipóteses locais descritas são a primeira dimensão da localização dos templos, importante para compreender o papel desse tipo de infraestrutura na dinâmica urbana e compreender as correspondências entre as dimensões externa e interna das instituições religiosas. No entanto, entendemos que o principal desafio para as próximas etapas da pesquisa é avançar na manifestação simbólica do espaço sagrado, a percepção que

possibilita a construção de uma “ponte interpretativa entre a natureza transcendente e sua materialidade” (GIL FILHO, 2012, p.16) e estruturar uma nova semântica de leitura e atuação no espaço urbano.

A abordagem pretendida considera a crescente importância da representação em um contexto histórico no qual os homens cada vez mais se afastam dos fatos e se aproximam do universo simbólico, passando a reconhecer o mundo através de seus significados (linguagem, arte, ciência, mito e religião). Nesse sentido, a religião é uma das formas de apreensão da realidade e uma das pontes de mediação entre o universo dos fatos e o universo simbólico. Nossa hipótese é que o espaço sagrado está mais próximo do espaço da percepção do que dos espaços concebidos pelo intelecto de tal forma que os produtos da consciência religiosa se apresentam na vida cotidiana. De modo complementar, as ações de expansão e preservação nas territorialidades do sagrado se estruturam a partir de experiências de espacialidade (espaço simbólico que permeia o espaço visível e nos projeta no mundo) articuladas ao espaço da prática social e sua materialidade, daí a importância da abordagem fenomenológica e de uma “análise da experiência social centrada no sujeito subjetivo” (Gil Filho, 2021, p.87).

Referências:

- ALVES, J.E.; CAVENAGHI, S.; BARROS, L.F.; CARVALHO, A.A. **Distribuição espacial da transição religiosa no Brasil**. Tempo Social, revista de sociologia da USP, 2017, v.29, n.2, 215-242.
- ARENARI, B. **Pentecostalismo as religion of periphery: an analysis of Brazilian case**. Dissertação apresentada na Faculdade de Filosofia da Universidade de Humboldt-Berlin, 2013.
- BECCENERI, L. B.; FARIAS L.A.C.; CHIROMA, L. **Transição religiosa e divisão do espaço urbano: uma análise da década de 2000**. Plural, revista de Estudos de Religião, 2019, v.10, n.2, p.185-206.
- FREITAS, E. F. de. **Territorialidade e Identidade no Pentecostalismo Brasileiro: as Marchas para Jesus**. Dissertação de Mestrado em Geografia - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2015.
- GIL FILHO, S. F. **Estruturas da territorialidade católica no Brasil**. Revista Scripta Nova, Revista Eletrônica de Geografia y Ciencias Sociales. Universidade de Barcelona, 2006. Vol. X, núm. 205.
- GIL FILHO, S. F. **Espaço Sagrado: estudos em geografia da religião**. Curitiba: Inter Saberes, 2012.
- IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2000**. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

LEWGOY, Bernardo. **Incluídos e letrados - reflexões sobre a vitalidade do espiritismo kardecista no Brasil atual**. In: TEIXEIRA, F. & MENEZES, R. (Org.). *As Religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011 (p.173-188).

MACHADO, M. S. **A territorialidade pentecostal: uma contribuição à dimensão territorial da religião**. *Revista Espaço e Cultura*. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 1996, (p. 36-49).

MAFRA, C. **O problema da formação do “cinturão pentecostal” em uma metrópole da América do Sul**. *Revista Interseções*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 136-152, junho de 2011.

MOURA, J. L. P. de. **A geografia do sagrado nos terreiros de candomblé ketu**. *Revista África e Africanidades*. Ano XI, n.29, fev. 2019.

NOVAES, R. **Os jovens, os ventos secularizantes e o espírito do tempo**. In: TEIXEIRA, F. & MENEZES, R. (Org.). *As Religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011 (p.135-160).

OLIVEIRA, H. C. M. de. **Espaço e religião, sagrado e profano: uma contribuição para a geografia da religião do movimento pentecostal**. *Caderno Prudentino de Geografia*, Presidente Prudente, n.34, v.2, p.135-161, ago/dez, 2012.

ROCHA, A. S. **Espaço Urbano e Religião: sobre a espacialidade Evangélica e a dinâmica pentecostal na Baixada Fluminense**. *Simpósio Nacional de Geografia Urbana - XVI SIMPURB*, 2019.

SILVA, V. G. da. **Candomblé e Umbanda: caminhos da devoção brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2005.